

O comunismo nacional nas democracias populares¹

Erico Sachs

Há certa contradição no fato de o processo de democratização nos países do Bloco Soviético, agrupados em torno da URSS, realizar-se na forma de um movimento comunista nacional, pois a democracia visada pelas diversas oposições, que se manifestaram durante a luta, é legitimamente socialista. As reivindicações levantadas têm o objetivo de dar às massas maior participação na administração pública, como medida prática de desburocratização. A palavra de ordem sob a qual se desenrola a luta da vanguarda é a volta ao leninismo.

Se chegamos a um estado de coisas em que o proletariado de países nos quais o capitalismo foi virtualmente destruído levanta novamente reivindicações de caráter nacionalista, deve-se isso unicamente à correlação de forças lá criadas. O chamado comunismo nacional não é um programa e tampouco uma teoria. É um produto prático do stalinismo, destinado a superá-lo.

O fenômeno é tão antigo quanto as próprias democracias populares. Na maioria desses países a revolução foi trazida de fora, pelo Exército Vermelho. Isso por si não explica o caso, como mostra o exemplo da Iugoslávia, mas traçou desde o início as linhas gerais do desenvolvimento. Não demorou, entretanto, para que se fizessem sentir as consequências do desvio de parte da renda nacional desses países para a URSS sob a forma de reparações das chamadas sociedades mistas e de Tratados Econômicos desfavoráveis. Não é possível, também, explicar o comunismo nacional unicamente por essas razões, pois ele surgiu igualmente na China, onde esse fator não chegou a se verificar e subsiste na Europa Oriental (Alemanha, Tchecoslováquia), onde essa fase já foi superada. A causa maior e primitiva da rebelião nacionalista, parece-nos, foi a aplicação de padrões de um socialismo russo (stalinismo) em países de estrutura social, cultura e tradições completamente diferentes.

Abstraindo, no momento, o fato de já estarem superados esses mesmos métodos na própria União Soviética, onde se iniciou aberto processo de reformas, que se manifesta, não só pelas mudanças políticas e administrativas, como também pela gigantesca reestruturação econômica (descentralização) — cujos efeitos sociais não tardarão a se fazer sentir —, foram os seguintes fatores que possibilitaram o surgimento do stalinismo:

Depois de 1923, quando se evidenciou a estagnação da Revolução Mundial, impôs-se à Rússia Soviética a necessidade da industrialização, da realização de uma acumulação socialista primitiva, como condição de sobrevivência num mundo capitalista hostil. Isolada e boicotada, não podia contar com ajuda material do exterior, em forma de créditos, investimentos ou assistência técnica. O processo de industrialização requeria o constante e radical sacrifício do nível de vida da sociedade e a transformação de milhões de mujiques em operários industriais. A estes faltaram as premissas mais elementares para o modo de vida industrial e o processo de produção mecanizado. Os constantes sacrifícios materiais exigidos nutriram e reforçaram a oposição primitiva dessas massas contra o novo modo de vida, oposição que se manifestava numa resistência passiva contra as máquinas, o horário de trabalho e a disciplina industrial em geral.

Nessas condições não restava muito lugar para a democracia econômica e administração obreira. "Liberdade é o conhecimento da necessidade", dizia Engels, mas as massas de camponeses que, voluntariamente ou sob pressão, deixaram uma vida semiasiática para integrar-se num moderno processo de produção industrial pouco ou nada podiam contribuir para a administração de uma fábrica, necessitando, no início, frequentemente de métodos drásticos para poder integrar-se na marcha da produção. Foi aí que surgiu a hierarquia burocrática, que de seu centro em Moscou determinava e regulava os mínimos detalhes de produção de uma empresa situada a milhares de quilômetros de distância, na Sibéria ou na Ásia Central.

A influência da burocracia crescia na medida dos primeiros sucessos industriais. A precária situação material da Rússia Soviética daquele tempo e a não existência de uma democracia econômica restringia as já estreitas bases da democracia política, que já involuíram nos anos da Guerra Civil e da intervenção imperialista. As lutas de frações e, especialmente, os métodos com que foram travadas por todos os lados acabaram com a democracia interna do Partido Comunista. A União Soviética caiu sob o domínio absoluto da burocracia, que a administrava política e economicamente, imprimindo-lhe

¹ Texto originalmente publicado na revista *Novos Tempos*, no 2, out./nov. de 1957. Escrito sob o pseudônimo Eurico Mendes. Extraído da coletânea *Conquistas e impasses do socialismo, CVM, Rio de Janeiro, 2011*.

as suas feições próprias. É verdade que, mesmo em comparação a padrões ocidentais, a administrava mal e deficientemente, gastava muito papel em *ukases*² e energia humana, esbanjava os recursos, matava as iniciativas e consumia parte desproporcionalmente alta da renda nacional. Mas é verdade também que conseguiu a obra de transformar o país agrário mais atrasado da Europa em sua primeira potência industrial. E quando os povos soviéticos, na Segunda Guerra, conseguiram aguentar e rechaçar o impacto das divisões blindadas nazistas, equipadas pela indústria alemã, eles sabiam que todos os sacrifícios não eram em vão.

O papel progressista da burocracia no campo econômico só perdurou, todavia, enquanto não havia outra alternativa. Esta surgiu no próprio processo de industrialização. Criou-se um proletariado industrial qualificado. Formou-se uma intelectualidade soviética com seus novos quadros técnicos e administrativos. O analfabetismo foi vencido e o nível cultural dos povos soviéticos cresceu incessantemente. Das universidades soviéticas saem hoje mais estudantes formados do que das norte-americanas. As bases materiais para a democracia socialista estão criadas.

O problema, entretanto, não é de hoje. Já antes da guerra notou-se crescente choque entre esses novos fatores na vida soviética e os velhos métodos burocráticos. "Fenômenos históricos, mesmo os mais importantes, não sabem distinguir a hora em que têm de deixar o cenário", disse Mehring, o biógrafo de Marx. A burocracia não o sabia e foi justamente esse o "erro" de Stalin.

Daqui em diante só podia conservar os velhos métodos contra a crescente oposição das novas forças surgidas na sociedade soviética, o proletariado e a intelectualidade, que tinham aceitado os padrões stalinistas como transitórios e de emergência, e que lutavam, consciente ou inconscientemente pelo restabelecimento da democracia socialista em nível mais alto. Não foram só os velhos bolcheviques que fizeram oposição. Estes serviram mais como bodes expiatórios. Toda a nova geração, saída das escolas, tinha de ser domada de novo. Daqui em diante Stalin só podia conservar o velho status quo à base de terror e de sangue. É esse o segredo das constantes ondas de expurgos, liquidações e processos monstros, das quais Khrushchev nos contou uma parte.

Quando os Exércitos Vermelhos penetraram na Europa Central, implantaram um sistema político que, dentro de poucos anos, devia copiar as feições do modelo russo. Os planos de produção das fábricas Zeiss, na Alemanha Oriental, tinham de ser aprovados por Moscou. Os operários da SKODA, na Tchecoslováquia, deviam ter tão pouca voz ativa na administração da sua empresa como os seus colegas nos Urais. Os métodos da acumulação primitiva foram implantados em países que, devido às suas tradições industriais, dispunham de uma base de saída mais elevada para iniciar uma produção socialista. Das massas desses países, habituadas a um nível de vida mais alto, exigia-se uma aproximação ao nível de vida soviético. A situação econômica desses países foi agravada pela intromissão direta da burocracia russa. A situação política se tornou insustentável devido à implantação dos métodos políticos do stalinismo em países com um proletariado que, ao contrário do russo, contava com fortes tradições democráticas, sindicais e de cogestão obreira. Para completar o quadro, implantavam-se os métodos de expurgos e processos monstros para vencer a crescente resistência do proletariado e da própria vanguarda comunista em cada país, sob o domínio dos stalinistas russos e locais. Foram os melhores quadros dentro dos Partidos Comunistas que sentiram primeiro os perigos do alienamento da classe operária.

O comunismo nacional não é outra coisa senão a manifestação concreta das contradições criadas entre os métodos stalinistas surgidos na União Soviética e as necessidades do fortalecimento do socialismo nas democracias populares.

Representa ele o esforço de vencer o abismo criado pelos stalinistas entre a classe operária das democracias populares e a União Soviética. Fortalece ele o campo socialista em seu conjunto — e isso, no momento, só pode ser feito contra a resistência da burocracia soviética.

Na prática, o comunismo nacional revela dois aspectos, é composto de duas forças: o elemento proletário, consciente e comunista, que se opõe à burocracia soviética e seus satélites nacionais, porque luta pela democracia socialista e pelas relações à base de igualdade entre países socialistas. A outra força é representada pelo elemento pequeno-burguês e contrarrevolucionário, que apoia a oposição comunista, porque vê em sua vitória uma etapa vencida na luta pela restauração de formas sociais burguesas. Existe o perigo de a força contrarrevolucionária tomar a liderança. Isso se pode dar

² Decreto, proclamação de um czar com força de lei na Rússia imperial. (Nota dos Editores)

quando a resistência interna e externa do stalinismo às reformas se mostra tão estúpida e brutal que torna antagônica toda uma classe operária e toda uma nação, como aconteceu na Hungria. O proletariado húngaro desesperado, sem uma liderança comunista, aceitou os slogans nacionalistas pequeno-burgueses, renunciando à ideia da reforma socialista. Destruindo as bases da democracia popular húngara, não havia mais o que reformar — estavam abertas as portas para a contrarrevolução.

A alternativa para o caso húngaro foi demonstrada na Polônia. Gomulka, ao contrário de Nagy e Kadar, preparou com seu grupo, conscientemente, a luta contra os stalinistas, à base de um programa de reformas socialistas. Organizou a oposição dentro do Partido, mobilizou os operários de Varsóvia e outros centros industriais e aceitou o apoio pequeno-burguês como força auxiliar. O resultado foi o completo isolamento dos stalinistas poloneses, e os soviéticos não se viam com força moral para impedir o processo de democratização.

A precária aliança entre comunistas e oposição pequeno-burguesa tem de desmoronar quando o comunismo nacional tomar de fato o poder. Chega o momento em que as águas se dividem: de um lado, os reformadores socialistas; de outro, as tentativas de volta a formas sociais burguesas. Na Iugoslávia, foi o caso Djilas que representou a pedra de toque. Na Polônia, parecem ter sido as eleições que iniciaram nova fase. Na China, assistimos recentemente à rebelião dos Ministros pequeno-burgueses do governo de Pequim, que pretendiam aproveitar-se da discussão interpartidária para fortalecer as suas posições à custa dos comunistas. Em todos esses casos, tanto Tito como Gomulka e Mao-Tse-Tung tomaram medidas que garantissem a continuação das reformas pelo caminho socialista.

As forças contrarrevolucionárias têm mais chances quanto mais as reformas socialistas demorarem a ser realizadas e quanto maior tornar-se o abismo que o stalinismo criou entre as democracias populares e a URSS. O que restabelece a unidade do campo socialista não são unicamente os gestos amigáveis por parte de Moscou nem as viagens de Khrushchev, que aconselha os stalinistas tchecos e alemães, em conversações particulares, a mudar as suas atitudes, porque as coisas não podem continuar assim. A única maneira de superar o antagonismo explosivo, acumulado dentro do Bloco Oriental, é dar aos operários nacionais a liberdade de decidir de maneira soberana quais os métodos mais apropriados para o desenvolvimento socialista dos seus países. Isso em parte dependerá do ritmo do processo de desestalinização na própria União Soviética, que ainda está longe de ter atingido o seu auge. Mas desde já ficou demonstrado que o movimento comunista nacional pode vencer etapas nessa direção. Ele não desaparecerá enquanto os métodos stalinistas continuarem a ser empregados. É ele um legítimo produto do stalinismo. Só desaparecerá vencendo, quando a Comunidade Socialista, à base de direitos iguais dos seus componentes, for criada, como reabilitação formal do internacionalismo proletário — o nosso aliado mais poderoso na hora da luta final.